

PUCviva

Mural Semanal da APROPUC
e AFAPUC - Nº 306 - 08/05/2000

ELEIÇÕES

Comunidade apática diante da candidatura única

Aum mês da eleição para reitor, são poucos os sinais de discussão na universidade. A Comissão Central Eleitoral (CCE) ainda está esperando a informação das datas disponíveis do candidato único para a realização dos quatro debates eleitorais previstos. Enquanto isso, a CCE ocupa-se com os preparativos burocráticos para a realização do pleito. Por sua vez, o grupo de trabalho do professor Antonio Carlos Ronca discute nesta segunda-feira a estratégia de campanha.

Os diversos setores da comunidade começam a discutir a eleição. Embora as posições sejam diferenciadas, existe o consenso de que a candidatura única representa uma perda significativa, pois a falta de um contraponto limita a discussão.

DOIS DEBATES

A diretoria da AFAPUC demonstrou preocupação diante da inscrição de somente um candidato, pois o processo democrático da universidade pode ser afetado por propostas como a do voto nulo, injustificável para a entidade, uma vez que o espaço foi aberto para a inscrição das mais variadas tendências.

Por outro lado, a direção da AFAPUC avaliou como pouco satisfatórios os pontos levantados pela carta-programa da chapa Excelência e Inovação, uma vez que as questões acadêmicas têm uma ênfase maior que as administrativas. No documento prega-se a inovação, esquecendo-se que boa parte do programa da atual gestão ainda está para ser cumprido.

Por tudo isso, a AFAPUC encaminhará à CCE o pedido de que no câmpus Monte Alegre sejam realizados pelo menos dois debates para que a comunidade se envolva na discussão dos principais problemas da universidade.

Este parece ser o caminho apontado também por Madalena Peixoto, presidente da APROPUC. Sua expectativa é que a eleição para Reitor possa ser uma oportunidade para abrir o debate sobre a universidade. Nesse sentido, o **PUCviva** publicará a partir da próxima semana uma série de artigos discutindo os temas polêmicos da gestão universitária. A APROPUC também pretende realizar, em conjunto com outras entidades representativas da universidade, um debate sobre o atual processo eleitoral.

ESTUDANTES

Os CAs também não tinham uma posição formada sobre o processo eleitoral. A tendência, em alguns deles, era pela defesa do voto nulo. Essa era, por exemplo, a posição da diretoria do Benevides Paixão, CA de Jornalismo e Publicidade, que ainda não havia conseguido realizar uma assembléia para referendar a posição dos alunos.

A maioria dos CAs deverá realizar consultas entre seus associados. Numa rápida enquete, o **PUCviva** pôde constatar entre as direções estudantis a presença de diversas posições, desde a aceitação da candidatura até a rejeição do professor Ronca e a proposta de voto nulo.

A obtenção de um quórum representativo deverá ser o maior desafio do candidato único. Segundo o presidente da CCE, professor Pedro Cunha, não existe, estatutariamente, exigência de um quórum mínimo para a eleição. No pleito anterior, a candidatura também única do professor Ronca conseguiu 60% dos votos ponderados. Mas em números absolutos, isso representava apenas 27% dos votos possíveis.

Manifesto contra a violência

O Conselho Departamental da FEA manifesta toda a sua indignação contra os atos de violência praticados contra os três jovens, dois dos quais estudantes desta Casa.

Conclamamos toda a comunidade puquiiana para se juntar a nós neste momento de profunda indignação diante das condições em que os cidadãos brasileiros vivem o seu cotidiano. Não aceitaremos jamais qualquer atitude que fira os preceitos da dignidade humana. Todo tipo de violência deve ser repudiado, desde aquelas que impedem os indivíduos de terem uma vida material digna, como as decorrentes do modelo econômico excludente praticado por nossas autoridades, até as violações e barbáries que nos atemorizam diariamente.

Nossa visão crítica obriga-nos a lançar o olhar para mais longe neste momento de angústia e tristeza, e procurar as explicações para estas anomalias do tecido social. Todos os nossos problemas, a nosso ver, têm uma raiz comum. É impossível exigirmos uma sociedade melhor sem lutarmos, ao mesmo tempo, por uma vida mais justa, menos desigual. As condições perversas construídas por um sistema fundamentado na financeirização crescente, geradas pela irracionalidade presente nas decisões político-econômicas, denunciadas *ad nauseam* por vários cientistas sociais, não podem propiciar tranquilidade para nossas famílias,

muito menos esperança para nossos filhos.

Solidarizamo-nos com os pais dos alunos, mas, além do apoio, temos que oferecer algo mais enquanto Instituição. Não podemos simplesmente lamentar o ocorrido, mas temos que procurar as explicações e propor soluções, levando a repercussão deste brado de protesto para todos os setores da sociedade civil e do Estado, para que possamos reverter esta situação.

Indignados, queremos levar adiante o nosso repúdio, pois é mais do que hora de despertarmos as nossas consciências. Não podemos nos acomodar e passar a acreditar que estes momentos já são corriqueiros e que já não nos assustamos mais com a usurpação da vida humana.

O cinismo não pode ser hegemônico. Esta realidade cruel tem que ser diagnosticada a cada momento e, a partir da consciência crítica diante da situação – desfavorável em todos os planos – vivida pela imensa maioria do nosso povo, precisamos encontrar saídas. Dentro do nosso cenário educacional, vivemos as agruras de um modelo social de exclusão, construído pelo neoliberalismo presente no mundo e no nosso país. As precárias condições do sistema educacional vigente são uma das pernas da elucidação do caos denunciado acima. Pois, sem condições materiais de existência, sem acesso ao saber, convivendo com uma

concentração de renda crescente, contraface do desemprego estrutural, não teremos chance de viver de outra forma. Somam-se a estes fatos a impunidade generalizada e a corrupção que atinge o país, desde os escalões mais altos da República, até as mais modestas Câmaras de Vereadores. São as *bandas poderosas*, profundamente entranhadas na Justiça, na Polícia e na Política. É por isso que o fácil discurso moralista, que pede tão-somente mais repressão, não poderá resultar em maior segurança e melhores condições de vida para todos os brasileiros.

A denúncia, por si só, não pode estar atrelada a um manifesto de protesto diante dos fatos ocorridos. Não podemos aceitar explicações esdrúxulas, que querem reduzir as desgraças sociais a vinganças de grupos, guerras de quadrilhas, queimas de arquivos, como se os fenômenos da realidade social pudessem estar circunscritos a atitudes individuais, isoladas, presentes na “maldade” humana. Resta-nos gritar bem alto, que os atos humanos não podem explicar-se isoladamente; ao contrário, todas as ações humanas têm seus pés fincados no chão social que as produz e as responsabilidades podem e devem ser atribuídas.

Maria Angélica Borges, presidente do Conselho Departamental da FEA/PUC-SP.

A ditadura sem farda

“É verdade que ainda vivemos cheios de normas, mas acredito que isto seja porque ainda não conseguimos encontrar uma nova moral revolucionária. Nossos conceitos morais são extremamente contraditórios. Podemos não saber exatamente o que desejamos, mas temos plena consciência do que recusamos: a solidão, o individualismo, a possessividade e outros valores da sociedade tradicional.”

Daniel Cohn-Bendit

Pode parecer retrógrado e até mesmo saudosista iniciar uma reflexão sobre a PUC do ano 2000 citando um militante estudantil francês de 68, mas ao revivermos hoje atitudes tão ditatoriais e reacionárias, torna-se impossível aceitar o isolamento e a mediocridade imperantes no ambiente universitário.

Mas que amarguras podem fazer reviver estes tempos que parecem nunca terminar?

Visitando os espaços puquianos, nos deparamos com o Centro Acadêmico de Ciências Sociais deserto. Pode parecer aos recém-chegados ou aos mais desavisados, que tenha sido sempre assim. Não é verdade.

A luta contra a ditadura, contra a elitização, pela anistia, pela estadualização, pela universidade pública e gratuita, foram apenas algumas das preocupações dos estudantes que passaram pela PUC.

Mas alguns ainda lutam muito pela reconstrução do movimento estudantil, buscando a compreensão do ser social a fim de intervenções mais conscientes; impetradas em várias ocasiões, com resultados imediatos nem sempre satisfatórios, dada a ofensiva sempre massacrante dos defensores do status quo, mas mantendo sempre o germe do novo, da transformação, da humanização.

Infelizmente, a atual forma de sociabilidade no mundo capitalista contribui para o aprofundamento da apatia sobre um grande número de pessoas, inclusive dentro dos espaços considerados “isentos” de todos os males sociais.

Aqui, há que se fazer uma distinção entre a incompreensão da dinâmica social e pura canalhice, oportunismo. Referirmos, neste caso, à última gestão do Cacs, que mesmo num período de problemas sociais agudos priorizou a harmonia da cor das paredes com a do assoalho, “iniciando uma importantíssima redecoreção do ambiente”.

Parece que a UJS (União da Juventu-

de “Socialista”) não aprovou o decorador escolhido e em novembro se retirou da gestão que lutou tanto para conseguir. Esta façanha, diga-se de passagem, apenas foi atingida pelo conluio que fizeram com os jovens da “social-democracia”, que independente dos Cursos, se curvam ao ideário da direita reacionária nacional.

Estes por sinal, não se adaptaram em conviver com as “classes menos abastadas” e abandonaram o Cacs também. Foram se refugiar da oposição dos estudantes no – recém autofundado, porém não amplamente reconhecido – Cari (Centro Acadêmico de Relações Internacionais - ou Imperiais, pois não há sinal de eleições. Carecem, inclusive, de um verniz democrático).

Mas antes de abandonar o barco, estes medíocres “democratas” da última gestão do Cacs, no melhor estilo ditatorial e boçal, levaram o patrimônio histórico que foi acumulado durante três décadas de movimento estudantil na PUC para a casa de um dos diretores do CA, numa atitude que demonstra claramente a “confusão” (ou convicção) entre o que é público e o que é privado.

Os documentos e fotos que escaparam do lixo, além de papel e tinta, são o produto material de conflitos sociais. São pedaços de história, pessoal e coletiva, de lutas construídas ao lado de pessoas que se fizeram, dentro e fora da sala de aula como profissionais e inconformados com as injustiças sociais.

Para forjar um novo (neo) estilo clean (nazista) ao Cacs, a “nata” podre estudantil (reacionários partidários e independentes) afastou a memória das lutas que (inacreditável) tiveram a contribuição de professores de nossa Faculdade. Deplorável é saber que professores apoiaram esta gestão que, para alguns, redimiria da “miséria intelectual esquerdista” o movimento estudantil. Trocaram calorosas idéias e goles de whisky durante a posse daqueles que consideram ser os pupilos, que “con-

tribuem” rigorosamente em dia com a mensalidade e pagam indubitavelmente os tributos ideológicos aos mestres e doutores.

É, as coisas mudaram... É só lembrarmos que em 1977, o “excelentíssimo” sr. Erasmo Dias espezinhou a história puquiana e os professores e estudantes resistiram. Hoje, a bandidagem não está apenas no verde-oliva, mas espalha-se pelos trajes mais variados. Porém, não há colorido que seja capaz de esconder a aproximação com a ditadura (atualmente chamada de democracia) que – como hoje – rotulava as ações contrárias à sua cartilha de “atos de vandalismo e bandidagem”. Lembram-se dos “terroristas” vermelhos?

Lutar, manifestar oposição, é sinônimo de vandalismo para os que crêem ser a democracia a letra fria da lei suspensa da contradição social expressa na sociedade e no Estado.

Estupefatas, estamos nós.

É exatamente por que as coisas mudaram que escrevemos este texto, e como diria Luís Fernando Veríssimo é: “para dizer as coisas às claras e por inteiro. E, diante dessa social-democracia que não ousa dizer seu nome em público, dessa tempestade de bosta que ameaça nos soterrar, exercemos o nosso elementar direito de auto-defesa”.

“Nada de novo no front”? É agir para ver se a onda conservadora nos leva ou se seremos capazes de mudar o rumo dessa prosa.

Débora Cristina Goulart, ex-aluna do Curso de Ciências Sociais, Lillian M. Grisólio, ex-aluna do Curso de História, Patrícia Spósito Mechi, ex-aluna do Curso de História e mestradas do Programa de Estudos Pós-Graduados em História Social da PUC-SP.

Os artigos publicados na seção Fala Comunidade são de responsabilidade de seus signatários.

TESES

Função de depressão ao abuso do poder econômico, por Luciani C. de Carvalho, mestrado em Direito, dia 9/5, às 9h.

Reflexão sobre o envelhecimento, por Maria C. Fogaça, mestrado em Gerontologia, dia 9/5, às 9h.

A relação terapeuta-paciente, por Maria de Fátima Sobral, mestrado em Fonoaudiologia, dia 9/5, às 9h30.

As cores do camaleão, por Solange Silva, doutorado em Comunicação e Semiótica, dia 9/5, às 13h.

O aluno fonoaudiólogo, por Daniela D'elboux Miskahi, mestrado em Fonoaudiologia, dia 9/5, às 13h.

Concepção de homem metodista, por Olegna Guedes, mestrado em Serviço Social, dia 9/5, às 14h.

Campo e cidade na obra de Graciliano Ramos, por Fábio S. Fernandes, mestrado em História, dia 9/5, às 14h30.

A reestruturação do comércio exterior, por Eliana A. Silva, mestrado em Economia, dia 9/5, às 17h30.

Olhar estrangeiro: nova visão de um estágio, por Paula D. Andrade, mestrado em Psicologia Clínica, dia 10/5, às 8h.

Concepções teóricas e práticas clínicas fonoaudiológicas, por Tania Baptista, mestrado em Fonoaudiologia, dia 10/5, às 9h.

Experiências coletivas no novo sindicalismo, por Maria R. de Fátima e Silva, doutorado em Serviço Social, dia 10/5, às 9h.

Desafios constantes na formação profissional em Serviço Social, por Célia M. Albiero, mestrado em Serviço Social, dia 10/5, às 9h30.

Interação entre o assistente social e o usuário HIV/AIDS, por Dagmar C. dos Santos, mestrado em Serviço Social, dia 10/5, às 9h30.

O estudo de impacto ambiental à luz da Constituição, por Paulo V. Fernandes, mestrado em Direito, dia 10/5, às 10h.

Análise da estrutura curricular em SP, por Isabel Cristina Nache Borges, mestrado em Currículo: Educação, dia 10/5, às 14h.

Uma experiência da administração no 3.º setor, por Irene Mologni, mestrado em Gerontologia, dia 10/5, às 14h.

Representações sociais de alunos e professores sobre a matemática, por Vera L. da Silva, mestrado em Psicologia da Educação, dia 10, às 14h.

Automação na reestruturação, por Agostinho T. da Silva, mestrado em Economia, dia 11/5, às 8h30.

O dano moral e o indiciamento no inquerito policial, por Aparecido

Hernani Ferreira, mestrado em Direito, dia 11/5, às 9h.

Conselho Tutelar?, por Bernadete L. S. Baccini, mestrado em Psicologia Social, dia 11/5, às 13h30.

A construção da política de assistência social, por Telma M. Gomes, mestrado em Serviço Social, dia 11/5, às 14h.

As grandes redes de supermercados de SP na economia digital, por José G. A. Brito Junior, mestrado em Administração, dia 11/5, às 14h.

Propaganda da parceria contra as drogas, por Daniel B. Veras, mestrado em Comunicação e Semiótica, dia 11/5, às 14h.

As campanhas da Benetton, por Rogério P. Barbosa, mestrado em Comunicação e Semiótica, dia 11/5, às 14h30.

Descentralização das políticas habitacionais, por Pedro R. Lemos, doutorado em Ciências Sociais, dia 11/5, às 15h.

O pensamento como experiência da liberdade, por Sílvia M. F. de Aguiar, doutorado em Psicologia Clínica, dia 11/5, às 16h.

Compromisso de compra e venda, por Paulo Moura Ribeiro, mestrado em Direito, dia 11/5, às 17h30.

Histórias de leitura: reconstruindo percursos, por Jeaneti T. de Souza, mestrado em Língua Portuguesa, dia 12/5, às 9h.

Modo de vida militante no pós 68, por Vânia M. Monfroi, doutorado em Serviço Social, dia 12/5, às 9h.

A dissertação apresenta requisitos para defesa pública, por Célia T. Sanda, mestrado em Serviço Social, dia 12/5, às 9h30.

Processo de aprendizagem e articulação com a dinâmica familiar, por Claudete Sargo, mestrado em Psicologia da Educação, dia 12/5, às 9h30.

Projeto educação cooperativa, por Maria C. Matos, mestrado em Administração, dia 12/5, às 9h30.

A interdisciplinaridade psicojurídica nas separações judiciais, por Verônica A. Ferreira, mestrado em Psicologia Clínica, dia 12/5, às 10h.

A viagem de descoberta do Brasil, por Alexandre Ventura, mestrado em História, dia 12/5, às 10h.

A sindicatura no direito concursal brasileiro, por Joel A. de Souza Jr., mestrado em Direito, dia 12/5, às 13h30.

A universalidade analógica da proposta político-pedagógica de P. Freire, por Diana Pereira, mestrado em Currículo, dia 12/5, às 13h30.

Hegemonia e bloco intelectual, por Antonio Ghiraldello, doutorado em Serviço Social, dia 12/5, às 14h.

As vicissitudes da leitura, por Virgínia A. Peixoto, mestrado em Psicologia da Educação, dia 12/5, às 14h.

Ciúmes em família por Maria A.

Pelissari, doutorado em Psicologia Social, dia 12/5, às 14h.

Percepção e representação da alteridade, por Susana A. C. Rodrigues, mestrado em Comunicação e Semiótica, dia 12/5, às 14h.

Os poemas e o ensino de língua estrangeira, por Marisa Favaretto, mestrado em Lael, dia 12/5, às 14h.

A interdisciplinaridade como sintoma nas teorizações, por Rosana Landi, mestrado Lael, dia 12/5, às 14h.

O afro-descendente no espelho publicitário da imagem fixa, por Maria C. Martins, doutorado em Comunicação e Semiótica, dia 12/5, às 15h.

O entre: a objetividade da subjetividade, por André Gaiarsa, mestrado em Psicologia Clínica, dia 12/5, às 16h30.

PSICODIAGNÓSTICO

O pós em Psicologia Clínica promove, nos dias 15 e 16 (das 9h30 às 12h30 na sala 509, e das 16h30 às 18h30, na sala 239 do Prédio Novo), o 2.º Seminário Sobre Psicodiagnóstico, com a participação da professora Constance Fischer. Informações: 3670-8521 ou 3670-8400 - r. 203, ou sala 4E-02 do Prédio Novo.

CASOS CLÍNICOS DE VOZ

Dia 8/5 acontece mais um encontro da série Discussão de Casos Clínicos em Voz da Cidade de São Paulo, na sala 333 do Prédio Novo, das 19h30 às 21h30. Informações: 3670-8518, com Marly.

BRINCAR

A Faculdade de Educação e a Associação Brasileira de Brinquedotecas promovem a mesa-redonda Reflexões Sobre o Brincar dia 12/5, às 14h, na sala 333, mediação da professora Maria Angela Carneiro. O ingresso aos não associados à ABB é um brinquedo em bom estado. Informações: 3873-2591.

MARTÍN-BARBERO

Mediações Comunicativas da Cultura é o curso que será realizado por Jesus Martín-Barbero e promovido pelo Departamento de Ciências Sociais, de 9 a 11/5, em vários horários e locais da PUC. Mais informações pelos telefones 3670-8517/8400 ou na sala 4E-18.

No limiar da ditadura

A escalada do governo FHC é evidente. Depois de reprimir índios, negros e demais manifestantes de Porto Seguro, aticou a direita truculenta e deu carta branca para governadores e PMs violar a Constituição contra trabalhadores rurais sem terra, caminhoneiros, professores, movimentos sociais e grevistas em geral.

FHC sabe muito bem que o descontentamento popular, as reivindicações salariais e as manifestações sociais são resultantes de um modelo econômico imposto por seu governo, que gerou desemprego, aumentou a pobreza e aprofundou as desigualdades.

FHC sabe muito bem que todas essas questões não são resolvidas com a repressão policial, como quer a direita, que tem se manifestado através da UDR, do coronel Jarbas Passarinho e do velho jornal *O Estado de S. Paulo*, o mesmo que conspirou para derrubar o governo constitucional de João Goulart, em 1964, e agora volta a destilar sandices autoritárias em seus editoriais.

FHC sabe que os problemas de ordem social são resolvidos com políticas públicas, com ações governamentais e, principalmente, com a participação democrática da sociedade, com interlocutores que tenham vontade política para entender e aceitar as postulações de todos os brasileiros, em especial dos que sempre foram marginalizados da cidadania.

Quem pede e quem tolera mais repressão, neste momento, aposta no retrocesso político e na volta da ditadura. É preciso fazer exatamente o contrário: denunciar os crimes e as investidas autoritárias do governo FHC e defender, publicamente, total respeito aos direitos humanos e à democracia.

Ditadura, não.

*Hamilton Octavio de Souza,
diretor da Apropuc*

Professores estaduais continuam paralisados

Os professores da USP, Unesp e Unicamp, juntamente com os funcionários dessas instituições, mantiveram a paralisação iniciada na semana passada, reivindicando melhores salários e condições de trabalho. A eles somaram-se os professores do 1.º e 2.º graus, liderados pela Apeoesp.

Os professores e funcionários da universidades estão reivindicando 25% a partir de maio e reposição automática sempre que a inflação acumular 5%, e o Conselho de Reitores contrapropõe com 7%, mais um abono complementar de 3% dos salários atuais. A Associação dos Docentes da USP (Adusp), avaliou em 80% o número de professores paralisados na semana pas-

sada. Nova reunião com a Reitoria deverá acontecer no próximo dia 9/5.

Já os professores do Estado, que fazem este ano uma campanha conjunta com várias entidades do ensino público de 1.º e 2.º graus, reivindicam 54,71% de aumento nos seus salários. O piso salarial da categoria seria elevado para cinco salários mínimos, número prometido pelo governador Mario Covas durante sua campanha eleitoral. A secretaria da Educação considerou inaceitável tal proposta e não ofereceu nenhuma alternativa, preferindo apostar na continuidade ou não do movimento. Segundo estimativas da Apeoesp, cerca de 50% da categoria está paralisada.

Punição para os assassinos de

**ANTÔNIO TAVARES
PEREIRA**

LIBERDADE PARA OS
TRABALHADORES SEM-TERRA,
PRESOS POLÍTICOS DE FHC

ROLA NA RAMPA

Acidente na rampa

No dia 4/5, a professora de Jornalismo e Publicidade, Sandra de Melo Nascimento, escorregou na rampa dos laboratórios de rádio e vídeo da Comfil e quebrou o pé. A Cipa realizou, na sexta-feira, 5/5, uma reunião extraordinária para encaminhar à Reitoria um segundo pedido de revisão da situação dos pisos e rampas da PUC, que já causaram vários outros acidentes. "A PUC pode ser processada por uma situação como essa", afirma Cláudio Ribeiro da Cunha, presidente da Cipa. A professora ficará, no mínimo, dez dias sem dar aulas.

Terceiro Setor

De 15 a 17/5, das 19h30 às 22h30, acontece no Tuca a Quarta Semana do Terceiro Setor, organizada pelo Projeto Apat - Aprender a Atuar para Transformar, da Consultoria PUC Júnior, integrada e administrada por alunos da FEA. "O Terceiro Setor é formado por organizações não-governamentais sem fins lucrativos, que aplicam recursos da iniciativa privada no setor público, trabalhando em prol da sociedade", explica

Democracia racial

No dia 12/5, o Instituto do Negro Padre Batista e diversas entidades do movimento negro e social promoverão a 4.ª Marcha Noturna, com o tema Nossos 500 Anos de Resistência Negra. O evento se inicia às 19h, com um ato cultural na Igreja Nossa Senhora da Boa Morte, na Rua do Carmo. Às 22h, os manifestantes, vestidos de preto e portando velas acesas, partem para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no Largo do Paissandu.

Luciana Zaneti, aluna do 3.º ano de Administração e coordenadora de marketing do Apat. Para tentar mostrar aos participantes um modo diferente de se ver a realidade e o papel de cidadão, vários profissionais desse setor - entre eles, Eduardo Romero, diretor do Grupo Pão de Açúcar - dividirão com os participantes suas experiências. O Grupo Meninos do Morumbi fará o show de abertura do evento.

Internet na Comfil

Os laboratórios da Comfil deverão estar interligados à Internet até o final desta semana. A informação é do professor Belmiro João, assessor da Vice-Reitoria Administrativa. Ele assegura que até o final de junho todo o campus terá a infra-estrutura básica para a conexão à Internet. Inicialmente, a conexão dos laboratórios da Comfil será de 64 k. A curto prazo, será ampliada para 512 k.

Marta Harnecker na PUC

Tornar Possível o Impossível: A Esquerda no Limiar do Século 21 é o título do livro de Marta Harnecker, que realizará uma palestra com o mesmo tema, organizada pelo Departamento de Ciências Sociais, dia 10/5, às 19h30, na sala P-65 do Prédio Velho.

Mudanças no PUCviva Metodologia de pesquisa

A partir desta semana até o início do segundo semestre, iniciaremos mudanças no *PUCviva*. A edição manual passa a ter formato maior e a sua tiragem aumentará para atender pedidos de professores e funcionários que não recebiam o jornal. Estamos orientando as secretarias para que coloquem os exemplares do *PUCviva* nos escaninhos de professores. Se mesmo assim faltar jornal na sua unidade, entre em contato com a AFAPUC ou a APROPUC.

A Comissão de Pesquisa do Cepe e o Grupo PET/Psicologia - Capes/PUC-SP promoverá as Palestras de Metodologia de Pesquisa e as Oficinas de Posters/Painéis para orientar os bolsistas, ou interessados em solicitar Bolsas de Iniciação Científica, de 15 a 19/5, nos campi Monte Alegre e Sorocaba. As inscrições estão abertas até 12/5. Informações: 3670-8050/8051 ou na sala P-66 do Prédio Velho (Monte Alegre) e (15) 233-6465 ou 224-4133 - ramal 228, com dona Inácia (Sorocaba).

PUCviva é uma publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP. **Coordenação:** Valdir Mengardo. **Edição:** Aldo Escobar. **Reportagem:** Nancy Galvão. **Edição de arte e editoração eletrônica:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães. **Colaboraram nesta edição:** Francisco Cristovão, Madalena Guasco Peixoto, Maria da Graça Gonçalves, Anselmo Antonio da Silva. **Telefones da Apropuc:** 3670-8209 e 3872-2685. **E-mail:** apropuc@sanet.com.br. **Telefone da Afapuc:** 3670-8208. **Endereço do PUCviva:** Rua Cardoso de Almeida, 990 - Sala 9 - Corredor da Cardoso - S. Paulo - SP. Fone: 3670-8004. **E-mail:** pucviva@sanet.com.br. **PUCviva na Internet:** <http://www.pucsp.br/~afapucsp/>